

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS

RAMONA APARECIDA ACOSTA PEREIRA GONZALEZ

O RETRATO DA VIOLÊNCIA NA OBRA *SILVINO JACQUES-O ÚLTIMO DOS
BANDOLEIROS*

Jardim - MS
2010

RAMONA APARECIDA ACOSTA PEREIRA GONZALEZ

RETRATO DA VIOLÊNCIA NA OBRA *SILVINO JACQUES - O ÚTIMOS DOS
BANDOLEIROS*

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade
de Jardim, como requisito parcial à obtenção do título
de licenciada.

Orientadora: Prof^ª: Dr^ª Susylene Dias de Araújo.

Jardim-MS
2010

RAMONA APARECIDA ACOSTA PEREIRA GONZALEZ

O RETRATO DA VIOLÊNCIA NA OBRA SILVINO JACQUES - O ÚLTIMO DOS
BANDOLEIROS

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Susylene Dias de Araújo – UEMS
Orientadora

Prof^ª. MSc. Adélia Maria Evangelista Azevedo – UEMS

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Cristina de Souza - UEMS

JARDIM 16 DE NOVEMBRO 2010

Nas condições da vida humana, a única alternativa do poder não é a resistência, mas unicamente a força que um homem sozinho pode exercer contra o seu semelhante, e da qual um ou vários homens pode ter o monopólio ao se apoderarem dos meios de violência. (HANNAH ARENDT)

AGRADECIMENTOS

A JEOVÁ DEUS toda honra e toda glória por mais essa benção.

Ao meu amor e companheiro João Alfonso e aos meus filhos Maíra Patricia, Erick e Igor.

A minha mãezinha Maria Luiza pelo carinho e incentivo.

Aos meus queridos Mestres do curso de Letras – UEMS - Jardim pelo por tudo o que recebi nesses anos de aprendizado, oferecendo-lhes a alegria de minha vitória. E em especial a minha orientadora Dr^a. Susylene Dias de Araujo pelo carinho e dedicação.

As minhas amigas Nilza Miltes e Marcia Regina da Rosa, que com muita paciência estiveram ao meu lado nas horas alegres e nas difíceis, sempre com uma palavra de conforto e orações.

Aos meus colegas de turma, ficam para trás o bate papo nos corredores, os dissabores e a criatividade das gozadoras: Maria Aparecida Basso e Aparecida Regina Bork. Aí! Como sofri com essas duas!

Ficam para trás os momentos tensos dos seminários, das provas e os felizes dias das comemorações de aniversários, as notas boas, os ensaios e as apresentações das peças de Shakespeare; os nascimentos dos bebês de nossas colegas. Enfim, a tensão passou.

Vamos comemorar!

Valeu pelas brincadeiras regadas a pizzas, pastéis e coca-colas.

Haja Coração! Vem a saudade de um tempo que não volta mais.

Um tempo bom!

RESUMO

A história e a literatura são discursos que sempre estiveram próximos. E nos dias atuais, tem se destacado um dos subgêneros literário denominado romance histórico contemporâneo, que busca na história o material para sua composição. Desse modo, os fatos e personagens migram para o universo ficcional, onde são recriados, reinventados permitindo uma leitura reflexiva. Neste trabalho monográfico, procuramos analisar as principais expressões de violências vivenciadas pela população daquela época e também a trajetória do temido bandido e seus desmandos na região sul do Estado de Mato Grosso, na obra: *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, de Brígido Ibanhes catalogado como romance histórico.

Palavras – chaves: romance histórico, pós- moderno, memória, violência.

ABSTRACT

The history and literature are discourses that have always been close. And today, has been outstanding literary subgenres named one of contemporary historical novel, which looks at the history of the material for its composition. Thus, the events and characters migrate to the fictional universe, where they are recreated, reinvented allowing a reflective reading. In this monograph, we examine the major forms of violence experienced by the population at that time and also the trajectory of the dreaded gangster and his excesses in the southern state of Mato Grosso, in the work: Silvino Jacques: The last of the outlaws of Brígido Ibanhes cataloged as historical novel.

Key-words: historical novel, postmodern, memory, violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA NA LITERATURA

1.1 – A violência em Silvino Jacques o último dos bandoleiros **12**

CAPÍTULO II: A FRONTEIRA NOS CAMINHOS DA LITERATURA

2.1 – Um nome e um destino: Silvino Jacques **19**

CAPÍTULO III: DÉCIMAS GAÚCHAS O DIÁRIO DE UM MARGINAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**

REFERÊNCIAS **32**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as principais expressões da violência e a conexão desta com o mito Silvino Jacques: um personagem cuja trajetória foi marcada pelo duplo conceito de matador e justiceiro. Nos questionamentos que permeiam nosso estudo buscaremos a reflexão a respeito da ação como condição para a história, do impacto da realidade e do ambiente vivido, para promover o condicionamento humano e finalmente, na trajetória do temido forasteiro e seu bando. Com isso, apresentar alguns fatores sociais que interferem e até justificam o comportamento contraventor do homem.

No primeiro capítulo, A História na Literatura, apresentaremos uma breve contextualização do cruzamento da história e da ficção com base em artigos publicados sobre os aspectos dos subgêneros do romance histórico e pós-moderno, segundo os estudos de Rejane Ribeiro, Ecléa Bosi, Marilena Chauí e a crítica canadense Linda Hutcheon. Faremos ainda, uma análise sobre as expressões de violência praticadas pelo protagonista da Silvino Jacques, a partir das reflexões de Arendt Hannah importante pensadora das questões da violência no século XX e Valmir Batista Corrêa historiador e debatedor dos conflitos gerados pelo banditismo e coronelismo na região do grande Mato Grosso.

No segundo capítulo, A Fronteira da Literatura, abordaremos a trajetória de Brígido Ibanhes e a fundamentação de sua obra. A partir das colocações do Dr Paulo Sérgio Nolasco e de Maria de Lourdes Ibanhes pesquisadores e estudiosos da obra de Ibanhes, e também, a trajetória de vida e a morte do temido bandoleiro Silvino Jacques.

No terceiro capítulo Décimas Gaúchas o diário de um Marginal, serão analisadas algumas estrofes das Décimas escrita em versos pelo próprio Silvino. Nelas ele relata seus sentimentos, infortúnios e tenta justificar ou abrandar a sua fama de assassino.

E nas Considerações Finais, explicaremos os objetivos pretendidos com esse trabalho.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA NA LITERATURA

A relação entre Literatura e História ocorreu a partir do momento que a ficção foi buscar na história o material necessário a sua composição. Os cruzamentos dessas significações ganharam diferentes sentidos aos serem narrados e desta junção, surgiu o subgênero que os críticos denominaram romance histórico, tal gênero mescla fatos, personagens históricos e elementos ficcionais, o que torna as fronteiras entre o discurso ficcional e o histórico mais tênues e indefinidas.

O romance histórico foi amplamente estudado pelo crítico Georg Lukács. Essa modalidade narrativa popularizou-se a partir do século XIX, com os livros do ficcionista escocês Walter Scott (1771 -1832), e as suas obras lançaram os fundamentos do chamado romance histórico tradicional. Desde então, esse modelo de romance passou por inúmeras transformações e variações nas técnicas narrativas até nos dias atuais.

Segundo Linda Hutcheon (1991.p. 150): *“os romances históricos nos ajudam a compreender os processos e os motivos pelas quais certas coisas acontecem no presente de determinada maneira”*. O mesmo ocorre no romance classificado como pós-moderno ou metaficção historiográfica. Esse tipo de romance apropria-se de fatos e personagens históricos para realizar uma “re-visitação” ao passado, com o objetivo de questionar, desmitificar e confrontar os discursos da literatura e da história, tornando a leitura um ato de reflexão.

Ainda de acordo com Hutcheon (1991, p.155), a diferença do romance histórico para o romance pós-moderno é a forma como a história é narrada. O romance histórico é linearmente narrado com começo, meio e fim carregados de ideologia. O romance pós-moderno ou a metaficção historiográfica tem como características o caráter imprevisível da história, devido a uma série de fenômenos que se sucedem. Tais fenômenos são traduzidos pelo emprego da intertextualidade, dialogia e da transformação de personagens históricos em protagonistas do romance. Essas características opõem-se ao esquema composicional do romance histórico tradicional, pois não são mais consideradas histórias fiéis de pessoas ou acontecimentos passados, mas recriações desse passado. O que permite ao leitor a flexibilidade para a interpretação. Dessa forma, cada leitor em sua época fará essa reconstrução a seu modo, contribuindo para a formação da identidade do leitor que conhecendo a história, poderá através da Literatura refletir sobre a sua própria realidade.

A ficção tem a liberdade de reinventar e quando o autor emprega a história como enredo de uma obra literária, procura sempre diluir as fronteiras entre a ficção e a história, em função do seu ponto de vista e subjetividade. É necessário destacar que a literatura de ficção é a realização de um autor que, por meio da palavra, constrói seus significados sem desprezar a história e a ficção, oferecem condições de interpretações desses fatos e personagens históricos, ou seja, ambas mantêm uma relação recíproca que se complementam.

A obra em análise, *Silvino Jacques - o último dos bandoleiros* se insere nesse novo tipo de romance. O autor Brígido Ibanhes se utiliza de fatos ocorridos na história de Mato Grosso, relatados através de entrevistas com pessoas que conviveram com Silvino Jacques, seus familiares, amigos e inimigos, além de documentos considerados verídicos para recriar a saga do temido bandoleiro. Sendo a história uma reconstrução de fatos passados, que só poderá ser recuperado pelo discurso, pois o que se tem são relatos reconstruídos pela memória de pessoas que vivenciaram esses acontecimentos e Ibanhes recorre à memória para compor a sua obra, conforme afirma Ecléa Bosi:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora (BOSI, 1998, p. 46-47).

Dessa forma, há necessidade de ater-se ao passado histórico na recuperação da memória e da linguagem. Considerando que a memória articula-se de maneira formal e duradoura mediante a linguagem, é na Literatura que a reflexão sobre a memória e sua ação se apresenta na sua forma pura. Segundo Chauí (1994, p.125) a memória representa “a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total, através do resgate no tempo presente de referências situadas no passado”. Assim, a linguagem é a expressão principal da memória, pois antes de ser falada ou escrita, existe na forma de informação na memória.

O material coletado por Brígido Ibanhes, durante as suas pesquisas pode ser considerado como relíquia, pois neste não se encontram apenas informações e versões sobre os fatos e acontecimentos do Estado de Mato Grosso. Uma breve leitura atenta destes escritos pode representar a oportunidade de contato com as mais diversas leituras de

mundo, códigos lingüísticos e cronológicos, que não serão apagados, pois estarão armazenados na memória e serão conhecidas pela posteridade afora.

1.1. A violência em Silvino Jacques – o último dos bandoleiros

Nas primeiras décadas do século XX, o Estado de Mato Grosso ficou conhecido como “terra de bandidos” ou “terra sem lei” onde a única lei existente era a do calibre 44. Esse período teve como característica o domínio dos coronéis através da luta armada e de um banditismo generalizado. E sobre esses moldes, formou-se a sociedade e a política regional deste Estado. A violência, tão explícita e rotineira, surpreendia viajantes de passagens pelo estado, como ficou registrado nos apontamentos sobre os trabalhos realizados pela comissão de linhas telegráficas de Mato Grosso.

“Aquillo tudo vivia quase abandonado, reinando o terror, dominando a miséria, servindo de lei a vontade do mais forte e da carabina. A primeira vista, tem-se a impressão que todo mundo já matou alguém. Homens armados passeiam impunemente pelos povoados contando com certa admiração suas proesas, a todos os forasteiros. E todos se julgam bons e vítimas de perseguições.” (JORNAL DO COMMERCIO,1916. p.58 apud CORRÊA, 2006. p.37).

Sob esse aspecto, analisaremos a violência descrita no livro *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros* de Brigído Ibanhes.

O termo violência deriva do latim *violentia* que tem significado amplo e por isso, pode significar comportamento ou conjunto de força, vigor contra qualquer coisa ou ser vivo. É o uso excessivo de força. Mas, força na sua acepção filosófica, sinaliza firmeza de algo, enquanto que violência é a ação baseada na ira, que não convence o outro, simplesmente o agride.

A violência na percepção da pesquisadora se diferencia pelo seu caráter instrumental, “*ela não promove causas, nem história, nem a revolução, nem progresso e nem retrocesso, mas pode servir para dramatizar as queixas e trazê-las a atenção pública*” (ARENDDT, p.47). Sendo instrumental e mediática, a violência é detentora de certa racionalidade.

Neste sentido, subentende-se que os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos interferem e até justificam o comportamento contraventor do homem, pois toda a ação gera uma reação, como pontua Arendt:

“A ação na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos cria a condição para a história. E o impacto dessa realidade de mundo e o ambiente em que vive, torna o homem um ser condicionado, pelo fato de que os homens vivem juntos e portanto, as coisas e os homens constituem o ambiente.”(ARENT,1985. p.16).

É neste contexto que se insere o personagem protagonista deste livro: Silvino Jacques. Da mesma forma que um homem comum se insere na sociedade, os assassinos por “profissão” também constituem esse universo político e social e lutam à sua maneira para sobreviver.

Na obra, Ibanhes descreve o temido bandoleiro como um homem violento por natureza e que devido ao ambiente e às condições propícias deste, adotou a violência como estilo e meio de vida, Silvino Jacques em luta constante pela sobrevivência, é caracterizado como um homem violento ao extremo, deixando por onde passava um rastro de terrorismo. Segundo relatos, Silvino cometeu os mais variados crimes, de falso fotógrafo a assassinatos, seqüestros, execuções de amigos e coiteiros a golpes de picaretas, estupros de meninas e senhoras e até lutas armadas. Exemplos descritos em diversas passagens da obra em análise: *O último dos bandoleiros*.

“Deitou-se no meio do capim alto e mandou que Ornellas gritasse, chamando pelo morador. Apareceu um velhote, que só de olhar percebeu tudo e o homem deu meia volta e mandou a patroa preparar uma galinha recheada.”(IBANHES,2006, p.29).

Este fragmento demonstra o medo do homem simples e trabalhador diante do temido bandido. O medo é a emoção mais antiga do homem. Sendo assim, o medo do desconhecido é que ditava esse comportamento de oferecer ajuda sem questionar. Essa prática era comum entre fazendeiros e a população das pequenas vilas, estabelecendo relações diretas com os bandoleiros, inclusive para resolver algumas desavenças por questões de terras, ora para expulsar os invasores da região que lhe pertencia e fora tomada por posseiros, ora simplesmente por ter interesse na pequena propriedade.

Desse modo, a violência seguida de força física servia como ferramenta para conter, resguardar e ou ampliar seus domínios. Contudo, essa relação estabelecida entre fazendeiros e bandoleiros se apresentavam com caráter ambíguo, pois ao mesmo tempo em que o fazendeiro abrigava e recebia auxílio destes grupos, este podia ser, também, uma possível vítima, seja por brigas, intrigas, mentiras, ciúmes, desentendimento na hora do pagamento pelos serviços prestados e como afirma Valmir Batista Corrêa (1995, p. 152): “

As relações do banditismo com o latifúndio foram, de fatos ambíguas e, nesse caso, a grande propriedade rural foi alvo de ataques de bandidos por motivos diversos.”

Segundo Nolasco (2008, p. 63): “*a região é que favorece a sua identidade, tornando-o um estereótipo que nomeia todo o desmando e feitos de violência, fixando-se na história regional como componente de formação e identidade.*” É neste cenário de conflitos dado pela ilegalidade, que Silvino Jacques se destacava pelas suas façanhas, de herói e bandido impondo – se acima da lei.

Na obra em análise, Brígido Ibanhes relata vários fatos violentos, que retratam a realidade vivenciada pela população naquela época. Se a raiz da criminalidade é fundamentada nos diferentes contextos, pode – se afirmar que o que era comum naquela época, causa repúdio e questionamentos em nossos dias.

“Com o término da revolução, grupos que conseguiram fugir da matança e da prisão, na tentativa de chegar a sua terra de origem, cometiam crimes e assaltos nas fazendas. Muitos vinham enlouquecidos pelo sofrimento e pela amargura da derrota, agiam como feras ao se deparar com a família pouco protegida, estropavam, matavam e saqueavam.” (IBANHES, 2007, p. 77).

A violência sendo uma característica constitutiva do ser humano explode subitamente de forma inesperada e enlouquecidos esses homens agiam de forma monstruosa, como demonstra o fragmento acima. No sul do Estado de Mato Grosso reinava o terror, famílias inteiras eram dizimadas e as que sobreviveram conservaram cicatrizes que nem o tempo apagou. As ações refletem os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns com os outros, enquanto homens. É através de palavras e atos que os homens mostram quem realmente são revelando sua identidade e tornando-se apenas um meio para atingir um fim, como em uma guerra os homens entram em ação e empregam meios violentos para alcançarem seus objetivos contra aqueles que consideram como inimigos.

Nesse sentido, Arendt (1985, p. 35) afirma que, em certas ocasiões, o agir sem argumentar, sem discurso ou sem medir as conseqüências é o único meio de reequilibrar as “*balanças*”. E na situação descrita acima, de acordo com o pensamento da autora a reação dos moradores para se defender seria inevitável e justificável.

Outro método de violência aplicado pelo bando de Silvino, relatado na obra, era a tortura através da imposição de dor física ou psicológica, por crueldade, intimidação, punição, para obtenção de uma confissão, informação ou simplesmente por prazer da pessoa que tortura, como descreve o fragmento abaixo.

O Jacques não era sujeito que levava desadorno para casa. Não esqueceu o que Donato e Ibraim Goday lhe aprontaram. Chegou a hora de retribuir o desaforo. Durante dois dias, o bando rondou a fazenda São Miguel, até apanharem os irmãos logo de cara levaram uma surra e depois foram estaqueados a meio metro do chão, com as mãos e os pés amarrados com tentos entre as árvores, como se fossem redes humanas, sentou-se em cima da barriga de um deles e tomou chimarrão, enquanto a vítima se contorcia. (IBANHES, 2007. p. 152).

E assim, segue a narrativa da obra em análise, relatando os mais diversos crimes cometidos por Silvino e seu bando.

Aos poucos, seqüestros, coações se tornavam seu meio de vida. Claudino Barbona cantava vinte e um anos quando o bando apareceu na fazenda Rio Feio no município de Guia Lopes da Laguna... De pronto prendeu Claudino, E o mensageiro Zé turco galopou rumo a Nioaque levando um bilhete escrito pelo bandoleiro para pai de Claudino, proprietário da fazenda. Era o pedido de resgate. (IBANHES, p. 145).

Segundo Ibanhes, a fama de justiceiro e capitão revolucionário vitorioso foi substituída pela de meliante, seqüestrador, matador e ladrão de gado. A quadrilha atacava pequenos fazendeiros e quando não os judiava, roubavam - lhe o gado e as autoridades sem os recursos considerados necessários, como armas e homens, sentiam-se impotentes para capturá-los.

A leitura da obra: *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros* apresenta ao leitor, situações de violência envolvendo os homens, solteiros, casados e adolescentes. Numa releitura percebemos em segundo plano, a situação de extrema violência sofrida pelas mulheres na ausência dos maridos por diversas razões. Muitas dessas ausências se deram pelo recrutamento de homens empurrados para uma revolução, cujo motivo, a maioria ignorava, mas, temendo represálias, aceitava as ordens do capitão Silvino Jacques, comandante do 2º Esquadrão. “*Os familiares que ficavam: mulheres, velhos e crianças olhavam tristemente o rastejar da coluna na lombada da colina, pedindo a Deus que protegesse a todos*”. (IBANHES. 2007. p. 58).

E diante dessas situações, outros bandos em menores números de componentes que também agiam no sul do Estado, aproveitavam a ocasião para atacarem, pois sabiam da ausência dos homens da casa. As mulheres por sua vez, reagiam e se defendiam como podiam e nestas circunstâncias eram privadas de conforto, se escondia com crianças em grutas correndo os mais diversos riscos até o dia amanhecer e procurar ajuda de parentes e outros.

No fragmento abaixo, Ibanhes retrata uma das piores situações que uma mulher poderia enfrentar: o estupro.

No meio da mata, sobre o colchão de folhas, a linda morena foi passando de mão em mão, ao sabor da luxúria daqueles homens brancos e grosseiros. Três dias depois ela foi abandonada com as roupas em farrapos nas cercanias da San Felipe, quando o médium Joaquim dos Reis encontrou – a e levou - a para o pai. A partir da curra ficou completamente louca. Perdeu o raciocínio e o contato com o mundo real. Levantava antes de o sol despontar e embrenhava – se pela mata como animal. Catava flores silvestres e se enfeitava toda, tudo ela pregava nas vestes, quando então, voltava saltitando para o rancho. Nas noites escuras e tempestuosas berrava de medo e se contorcia de dor e, se não a amarrassem no catre, ela fugia para a mata e subia nas copas das árvores. Assim a vingança se consumou. (IBANHES, 2007, p. 154)

Após sofrerem esse tipo de violência, as mulheres tendem-se a comportar com atitudes de isolamento e introspecção, com idéias suicidas ou por se responsabilizar pelo fato ocorrido. A cena descrita apresenta uma jovem que foi violentada e que após o ato ficou psicologicamente abalada e que busca o isolamento subindo em árvores e se enfeitando com flores silvestres, pressupondo-se com essa atitude uma forma de esquecer todo o sofrimento vivenciado naquela terrível noite. Segundo Kolk e Fesler, (1995. p.58): *“As lembranças desse acontecimento são fixas, não se alteram com o tempo, de uma nitidez e vivides distintas além de carregadas de forte componente afetivo e emocional, a lembrança traz angústia e sofrimentos intensos”*.

Considerando a flexibilidade para a interpretação que o romance histórico pós-moderno possibilita ao leitor, analisamos neste capítulo, as principais expressões de violências na obra: *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, de Brígido Ibanhes. Nessas análises, percebemos e refletimos sobre os moldes que o Estado de Mato Grosso do Sul foi formado.

Em busca da identidade territorial, a violência se instalou de diversas formas, ora pelo isolamento territorial, ora pelos grandes fazendeiros que contratavam pistoleiros fugitivos de outras regiões, para protegerem suas propriedades. Dentre esses criminosos, o personagem principal da obra *Silvino Jacques*.

Segundo Corrêa (2006, p. 189), *“naquela época qualquer tentativa de combate a violência pré-existente na região, servia para agravar ainda mais a situação”* e quem sofria era a população com todo esse clima de tensão. E por muitos anos, o Estado de Mato Grosso ficou conhecido como terra de bandidos e de povo armado.

Somente a partir do mês de maio de 1939, que as autoridades começaram a olhar para essa região e atenderam aos apelos de homens corajosos que se uniram e organizaram contra os desmandos de bandidos que aterrorizavam e dizimavam famílias inteiras.

Na obra, Ibanhes se servindo dos elementos literários característicos do romance histórico contemporâneo, buscou na História a matéria prima para a composição desta obra. Segundo o autor, a publicação desta obra tem como finalidade manter viva nas lembranças do povo sul-matogrossense os acontecimentos ocorridos em nosso Estado de uma romanceada através da Literatura.

CAPITULO II

A FRONTEIRA NOS CAMINHOS DA LITERATURA

O autor do livro *SILVINO JACQUES - O último dos bandoleiros*, Brigído Ibanhes nasceu em Bella Vista Norte (PY), em 08 de outubro de 1947. Filho de brasileiros que se refugiaram no Paraguai, após sofrerem perseguições de Silvino e seu bando.

Desde a tenra idade, Ibanhes mostrou grande interesse em aprender. Estudou no seminário do Santíssimo Redentor em Ponta Grossa no Paraná, onde aprendeu o latim, grego, inglês, francês e os princípios de teologia e conheceu os clássicos literários nacionais e internacionais. Aos quinze anos, participou de um concurso interno do Seminário e foi premiado pelo poema *Noite Cigana*. E nunca mais deixou de escrever.

Entre idas e vindas de sua terra natal, Ibanhes mostrou-se fascinado pela história de vida de seus pais e pelas histórias que lhes contavam. Motivado por esse interesse, iniciou uma pesquisa referente ao homem que mudara a vida de sua família. E assim, surgiu a obra *Silvino Jacques – o último dos bandoleiros*. Este livro foi lançado pela primeira vez no dia 31 de maio de 1986, na cidade de Sidrolândia MS, sob ameaças de pessoas que não desejavam a publicação.

Logo após a publicação, a obra foi apreendida por determinação judicial. Devido aos atentados que sofreu em sua casa e pela sua luta em prol da liberdade de expressão, foi adotado pelo Pen Club International, no evento realizado no Copacabana Palace, RJ, e somente após seis anos, foi liberada pelo Tribunal de Justiça do Estado, reescrita e publicada com sucesso.

A obra relata as façanhas do capitão Silvino Jacques, afilhado de Getúlio Vargas que tornou – se um bandoleiro, cuja vida, Ibanhes retrata através de memórias e documentos confidenciais num verdadeiro romance histórico. A obra traduz a alma do povo sul – mato-grossense, com suas histórias, lendas e riquezas naturais. Com uma linguagem simples, o livro transporta o leitor para a época em que o romance se insere.

De acordo com o próprio autor, a obra foi escrita sem “pretensões literárias, porém, como um retrato de um corpo inteiro de uma época atribulada de nossa história” (IBANHES, 2007. p.12). Na concepção Antônio Lopes Lins o livro: “é uma fiel e autêntica biografia, faz história, romance e poesia, é romance de movimento e de costumes”.

A obra é uma narrativa que mescla fatos e ficção, que Nolasco (2008. p.63) pontua como: “objeto de crítica cultural que se desloca da crônica policial para o relato

ensaístico”, em que o autor - narrador relata a história de vida de seus familiares. Tornando a obra, um “*mosaico de apropriações*”, como define Maria Ibanhes (Anais do CELLMS – Dourados, 2007). Ou seja, o autor para narrar a saga do bandoleiro usou vários tipos de narrativas e fez preenchimento de lacunas para seguir a ordem cronológica dos fatos, pois como descreve Maria Ibanhes, os acontecimentos do passado não podem ser descritos como um todo, devido às fragmentações e recortes reproduzidos pela memória.

Como afirma Costa Lima (2006. p. 131. apud. M.Ibanhes): “*viver é conviver com épocas distintas e que nós mesmos somos um mosaico de tempos heterogênicos*”. Dessa forma, a vida do autor e a obra se situam e se confundem entre o sonho e a realidade.

2.1. Um nome e um destino Silvino Jacques



*Um feiticeiro me disse:
Escute senhor Silvino
Pelos olhos eu conheço
Vai ser ruim seu destino
Parece que ele sabia que
Que ia ser assassino.
(SILVINO JACQUES),*

Na obra *O último dos bandoleiros* Ibanhes 2007 relata que o cidadão Silvino Helmiro Jacques, nasceu no dia 17 de fevereiro de 1906, no distrito de Camaquã, município de São Borja no Rio Grande do Sul. Filho de Leão Pedro Jacques e de Máxima Santa Ana Jacques, cresceu acompanhando o pai no trabalho de carneador na fazenda de Getúlio Vargas. Concluiu o ginásio aos quinze anos. Serviu na Brigada Militar e alcançou

o posto de Sargento. Após o término desse serviço obrigatório no exército, Silvino Jacques trabalhou para o governo como fiscal da linha férrea entre Santo Ângelo e Santa Rosa.

No auge de seus vinte e três anos, era descrito como um homem alto, moreno-claro de sorriso largo, exímio trovador, sanfoneiro, mulherengo, churrasqueador, fotógrafo e muito simpático, dono de atributos que atraíam a atenção feminina. Com um gosto apurado para encrencas e perito na arte de provocar e enganar os outros, brincava com a sorte.

Um destemido gaúcho, que iniciou seus delitos acidentalmente ainda na adolescência, até chegar ao crime organizado. Aos vinte anos já somavam vinte e duas mortes, como o próprio Silvino registrou em suas Décimas Gaúchas. Dessa forma, seguia seu destino, até que em uma confusão em um cabaré, insultou e atirou no teto causando reação de partes dos clientes. Na fuga deparou-se com um grupo de vinte homens fortemente armados que o renderam com ordem de prisão. No desfecho, Silvino fingiu entregar-se e atirou no sub-Intendente Crescêncio Boquedulta.

Com resultado, o destemido homem fugiu para a fronteira com a Argentina, deixando para trás a esposa Jandira Pinheiro. No trajeto continuava arrumando encrencas. No final de 1929 chegou a Mato Grosso, na cidade de Bela Vista e apresentou-se com o nome de Valdemar Pereira. Tornou-se amigo do advogado Arthur Moreira Veloso e do chefe da aduana (Receita Federal), Cornélio Pires da Silva e também com os guardas alfandegários. Assim, sem ninguém desconfiar de sua verdadeira identidade, Silvino Jacques levava a vida como homem de bem, sempre alegre e tocando sua sanfona de oito baixos, ganhando dinheiro como retratista.

Mas, o passado insistia em bater à sua porta. Até que um dia, foi reconhecido e temendo ser descoberto fugiu novamente para um vilarejo chamado Porteiras e lá continuou se passando por um homem trabalhador e muito solícito. No trabalho como mascateiro e cobrador dos atacadistas de Porto Murtinho e foi descoberto subtraindo dinheiro e foi despedido. Entre trabalhos honestos e desonestos foi fazendo fortuna. Construiu uma mercearia, a qual deu o nome de Casa Paraíso e nesta oportunidade trouxe sua esposa do Sul para ajudá-lo. Aos poucos deixou a máscara cair e teve receio da reação das pessoas, o que não aconteceu, pois para seu espanto, seus vizinhos passaram a admirá-lo ainda mais. Desse modo, a vida seguia tranqüila, até que em meados de 1932, eclodiu no Brasil um movimento político militar denominado Revolução Constitucionalista.

Esse movimento teve início no ano de 1930, quando o candidato da oposição Getúlio Dornelles Vargas é derrotado nas urnas por Júlio Prestes. Neste período, o

presidente em exercício era Washington Luiz. Inconformado, Getúlio Vargas lidera um golpe que o conduz à presidência e deu início a uma nova etapa na história do Brasil, conhecida como Período Getulista ou Era Vargas.

Dessa forma, Vargas assumiu a presidência em 03 de novembro de 1930. Com o golpe militar instaura-se a ditadura ou "Governo Provisório". Assim que assume o poder, a primeira providência foi fechar o Congresso Nacional (Senado Federal e Câmara dos Deputados), destituiu as Assembléias Estaduais e Câmaras Municipais, anulou a Constituição vigente de 1891 e substituiu vereadores, prefeitos, governadores e deputados por delegados de polícia e interventores militares. Instaura-se um período de censura, perseguições, torturas, prisões e mortes.

A Revolução de 1932 foi principalmente gerada dentro da própria Aliança Liberal (nome do partido de Getúlio Vargas) que solicitava a convocação de uma Assembléia Constituinte Nacional para a instituição de uma nova Constituição e retorno do Brasil ao Estado de direito. O mesmo grupo político-militar que colocou Vargas no poder se revolta contra a "provisoriedade", provocando uma divergência dentro da Aliança Liberal e a guerra civil.

Em 1932, o sul de Mato Grosso aderiu o Movimento Constitucionalista de São Paulo contra o governo Vargas. Segundo Corrêa (2006, p. 169). *“as razões da adesão do sul mato-grossense á revolução paulista foi o rompimento com a fase marcada pela ação guerreira dos coronéis sulinos”*.

A repressão dos interventores: polícia e exército empunharam aos coronéis a humilhação de tornar público á sua identificação e envolvimento direto ou indireto com o banditismo, com a finalidade de desmoralizar esses grandes proprietários e chefes políticos locais.

De acordo com a obra em análise, prevendo represálias o Presidente Getúlio Vargas recorreu ao seu afiliado Silvino Jacques e este recebeu a convocação do General Flores da Cunha para que formasse um grupo de civis armados e que lutassem a favor do padrinho nomeando-o com a patente de Capitão da Guarda Nacional no comando do 2º Esquadrão. A partir de então, formaram-se grupos fortemente armados de combatentes voluntários na região fronteira do Mato Grosso. Os membros do grupo eram obrigados a prender um lenço vermelho no pescoço, cujo significado para o portador dizia que estava preparado para honrar a cor de seu sangue. Silvino usava o lenço espalmado por sob a axila esquerda e preso sobre o ombro direito e escondia parte do tórax. Assim, deixando para trás as mulheres, filhos e pais na incerteza do amanhã, o pelotão vagava em nome da luta.

Com combates iniciados em Bela Vista, chegando à região de Porto Murinho, numa jornada que duraram três meses de muito desespero, incertezas, sofrimentos, derramamento de sangue e todo tipo de excessos. E assim, fazendo aflorar novamente o instinto violento de Silvino Jacques.

Dessa forma, seguiam firmes os legalistas ao encontro dos revoltosos que vinham de Campo Grande, o encontro foi inevitável, marcado por muitos tiros, pontes queimadas, gado roubado para garantir a alimentação do pelotão. Por onde passavam, deixavam um rastro de terrorismo.

No dia 10 de setembro de 1932, chegou ao fim a Revolução de 32. Mesmo assim, o capitão Silvino Jacques não dispensou totalmente o grupo e nem entregou as armas de guerra ao Exército. O bando da resistência que variava muito quanto ao número de componentes e a idade, entre 14 e 35 anos. Foram poucas as mulheres que fizeram parte do bando, dentre elas destaca-se Elódia Charão de Siqueira, que viveu como esposa de Jacques por alguns meses. Por ter lutado na revolução, os “amigos” de Bonito convidaram o bandido e “herói” para frequentar a cidade, presumindo que seu passado estava esquecido.

Foi em uma dessas visitas a Bonito, que Silvino conheceu o grande amor de sua vida, Almerinda de Góes Falcão, apelidada de Raída. Entre galanteios e declamações apaixonadas convenceu a bela mulher fugir com ele. Viviam na clandestinidade pelas fazendas ou em Bonito, até optarem pelo cangaço, tornando-se sua companheira inseparável.

Durante muito tempo, Silvino Jacques viveu no limite e fez o que bem quis. Porém, a atuação do bandoleiro só adquiriu grande repercussão nos anos de 1935 e 1936 quando em uma corrida de cavalos, Silvino teve um acesso de raiva por ter perdido a aposta, insultou e chamou os homens presentes para a briga. Diante do desafio, apenas Manoelito Coelho de Souza, ousou aceitar, mas os companheiros não permitiram, pois Silvino era amigo de longa data da família dos Santos e o paraguaio Manoelito era genro de Alípio dos Santos. Neste dia, Silvino jurou-o de morte. E passados alguns dias cumpriu o juramento, assassinando-o em sua residência.

Desde então, os irmãos e cunhados desejavam vingar a morte covarde de Manoelito, com esse intuito, logo após o funeral formaram uma captura composta por quinze homens bem montados e mal armados a procura do assassino. Enquanto Silvino fugia com seu bando fortemente armado com fuzis, dispostos a enfrentar as conseqüências. Dadas as circunstâncias, o comandante do 10º RCI Benjamin Constant Ribeiro Moutinho

da Costa, conhecido por major Costinha, recrutou uma patrulha do exército com objetivo de capturar Silvino e seu bando. Com muitos homens a sua procura, Silvino desconfiava de tudo e de todos e novas tragédias aconteciam envolvendo os paraguaios e seu bando.

Os grupos formados pelo exército e pelos parentes de Manoelito não obtiveram êxito, então o prefeito de Bela Vista Mario Antônio da Silva Caporossi e demais autoridades civis uniram-se e fizeram um abaixo assinado, com o intuito de oficializar o grupo de civis e como comandante desta nova patrulha foi nomeado Orcírio dos Santos, o cunhado de Manoelito. Assim que o abaixo assinado e a carta com pedido de oficialização dessa captura chegaram ao conhecimento do governador do Estado, em Cuiabá, este autorizou imediatamente que começassem a agir. E assim, no dia 03 de maio de 1939, receberam a nomeação e armas de guerra. Muitos se ofereceram para compor a captura, mas Orcírio manteve seus homens de confiança e partiram dispostos a capturar o mais terrível dos bandoleiros, Silvino Jacques.

Até que no fatídico dia 19 de maio de 1939, nos campos da fazenda Aurora em Bela Vista, a patrulha de homens civis comandada por Orcírio dos Santos encontrou o bando de Silvino Jacques e imediatamente o enfrentou, fechando o cerco. Entre gritos e palavrões e desejos desenfreados de vingança, a patrulha encurralou o bando e este sem saída, tentou cortar a cerca, neste momento Silvino Jacques recebeu uma rajada de tiros disparados pelo comandante Orcírio.

Foi a noite mais difícil da vida de Silvino Jacques, ferido e longe de recursos, viu seu bando se separar e fugir para salvar as próprias vidas. Somente os mais leais ficaram na esperança de ajudar o capitão. Entre eles sua amada esposa Almerinda, que Silvino chamava carinhosamente por Raída, que naquele momento assistia a vida de seu amor esvair-se. Numa última tentativa de salvá-lo deixou-o deitado na rede e partiu em busca de ajuda, mas tudo foi em vão. E assim, Ibanhes relata os últimos minutos da vida de Silvino Hermirio Jacques que aos trinta e três anos falecia e nascia um mito grandioso. Um gaúcho predestinado a sofrer a perseguição dos homens, gerada pela própria violência, um inimigo implacável que pensara um dia vencer a sua própria guerra.

CAPÍTULO III

DÉCIMAS GAÚCHAS O DIÁRIO DE UM MARGINAL

As Décimas foram escritas pelas mãos do próprio Silvino Jacques, e que através dos versos ganhou voz e dessa maneira, narrou os fatos de sua vida, desde a sua fuga do Rio Grande do Sul até seus infortúnios e amores.

As Décimas gaúchas antes de serem publicadas na Revista Crônicas e Histórias do município de Bonito (1978), já eram conhecidas (NOLASCO, 2008. p.66): “*por meio do cancionero popular, que se encarregou de divulgá-las na forma de literatura oral*”. Pois, o próprio Silvino declamava e trovava em público, como descreve Ibanhes: “*Nas fazendas em que era bem recebido, o bandoleiro apeava com os braços apertados, trovando um tema qualquer sobre a terra ou sobre o dono com muita bicaria*” (IBANHES, 2007. p. 142).

As Décimas são relíquias que vem passando de geração a geração e que retrata um homem, que às vezes herói, às vezes bandido, não permitiu que a história ficasse apagada e dessa forma serviu para conhecermos não somente o homem Silvino Jacques, mas um momento conturbado de nossa história.

Os versos estão divididos em duas partes. Na primeira há noventa e seis sextilhas, e na segunda cento e trinta. Para Cascudo: “*A sextilha, versos de seis pés, é a forma popular dos desafios e dos romances publicados em todo o Brasil comentando assuntos velhos, novos, líricos, guerreiros, políticos gerais ou locais*” (2006, p. 368 apud M. IBANHES). A maioria das estrofes possui versos de sete sílabas, mas há versos com cinco e seis sílabas. Nota-se certa semelhança com a forma do cordel, com rimas consoantes, alternando rimas ricas e pobres, e a sextilha com versos de sete sílabas, em que o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si e os outros são versos brancos. O esquema de rimas fica assim distribuída na primeira estrofe das Décimas: AB CB DB.

Vou contar uma história,
Que muito devem saber,
Mas contada por quem não viu
È justo não deve **crer**.
E para que todos saibam
Bem certo vou escrever
Meu nome nunca neguei,
E não pretendo negar
Me chamo Silvino Jacques,

E nunca procuro mal
Ele é quem me procura
E sempre há de me encontrar.

Fui nascido nas campinas
Do Sul cheio de flores,
Foi onde vi prazeres
E que conheci amores,
E conheci também tristezas
E golpes cheios de dores.

Mas isso já é destino
Que desde o berço nos vem
Quem nasce para ser sem sorte
Estuda e nunca é ninguém,
Mas, espero mudar de sina
E ser um dia gente também.

A peleia mais falada
De todas que me envolvi
È a que vou contar agora
Bem certo tudo que vi
A causa passou de farra
Mas, contudo sempre me ri

Eu e Prudente de Ornellas
E meu tio José Sant'ana
Tomávamos uma cerveja
Em casa de gente mundana
Mas isso na maior paz
Pois a sorte sempre engana.

Muita gente se achava
Nessa triste ocasião
Homens de toda a idade
Acompanhavam a diversão
Muitos pares dançavam
Pois era um grande salão

Eu disse a meus companheiros

Mas isso de brincadeira
 Que no forro daquele prédio
 Eu ia abrir uma goteira
 Depois do furo aberto
 Ai que foi a porqueira

A patrulha ignorante
 Tentou me desarmar
 Com modos tão agressivos
 Que eu não pude aturar
 Nisso recebi um tiro
 Vi-me obrigado a atirar

O cabo caiu no chão
 Com dois balaços que dei
 Os praças nos atiraram
 Que sorte a nossa não sei
 Naquele troca de balas
 Mais um policial matei.

Resumo do Conflito
 Que nessa vila se deu
 Sabino José de Almeida
 Que era o cabo morreu
 E José Gumercindo Fernandes
 Também desapareceu

Nas estrofes acima, o eu - poético Silvino Jacques se apresenta na primeira pessoa pretensiosamente como um gaúcho destemido e orgulhoso, que desde a sua mocidade já tinha uma inclinação para o mal e encontra na poesia um meio de se redimir. Os versos que descrevem os crimes cometidos vêm acompanhados por uma justificativa. Percebemos que a violência foi constante em sua vida. E quanto ao fato de tentar se justificar todo o tempo Arendt (1985, p.3) pontua que, *“a própria violência é regida pela categoria meio- objetivo e que os fins correm perigo de serem dominados pelos meios que o justificam e que são necessários para alcançá-los”*

Sendo assim entendemos que, a partir do momento que os resultados das ações saem do controle dos seus autores, a violência torna-se arbitrária, matar ou morrer e nestas

condições Silvino atribuía ao destino sua condição de bandido. O destino atua em seus versos como elemento mágico, em que a vida da personagem não tem livre arbítrio, pois os sofrimentos, o sentimento de vingança, a amargura, e a vida difícil na Fronteira são fatores que Silvino atribuía para tal comportamento.

Nas estrofes abaixo, percebemos um desabafo na qual Silvino se manifesta como vítima. Por não ter dinheiro descreve-se como um homem perseguido e sem saída, restando-lhe apenas matar para se defender.

Na concepção de Arendt (1985), *“a violência é algo oposto ao poder, pois seria a desintegração do poder que possibilitaria o surgimento da violência”*. E percebemos essa relação na fala de Silvino, pois antes ele pertencia ao poder e tinha a proteção do padrinho ilustre, o qual dispunha ao afiliado armas e a patente de capitão. E ao perder essa proteção, o temido bandoleiro tornou-se o alvo. Para a pensadora, o poder é a habilidade humana que pertence a um grupo e permanece e conserva este grupo unido, e desaparece na medida em que o grupo se desfaz. Nestes versos, percebemos que Silvino estava sozinho e era nestes momentos que refletia e escrevia sua história.

Tantos bandidos que matam
 Vilmente de emboscada
 E como são do Governo
 Saem dando risada
 E outros por terem dinheiro
 Não lhes acontece nada

E quando é um homem pobre
 Que mata sendo agredido
 Tem que ligeiro fugir
 Por ver-se tão perseguido
 E ainda muito comentam
 Matou porque era bandido

Tem-se visto muitos exemplos
 O meu não é o primeiro
 Julgando as vezes estar salvo
 Em países estrangeiros
 E ainda ser mais perseguido
 Por ambição do dinheiro

Deitado ali na sombra
Das matas desse sertão
Só tinha eu como leito
As folhas secas no chão
De travesseiro uma pedra
De arma tinha um bastão

Como era triste a vida
E triste o meu passadio
Eu quase morto de sede
Na margem d'um grande rio
É tristeza sem igual
Que o meu coração sentiu

De minha esposa e filhinho
Bem triste a muito não sei
Nem ela sabe de mim
Qual rumo foi que tomei
Sofremos os dois de saudades
Do lar que eu abandonei

Mas remorso eu não tenho
Nem de que me arrepende
Briguei em minha defesa
Matei para não morrer
Nem que obrigue - me a bandido
Da prisão hei de correr

A vida que vou levando
É uma vida desgraçada
Mas muito pior ainda
Numa cadeia fechada
Prefiro andar de canto em canto
Sem nunca ter morada

Amigo nunca me falta
E que me dê proteção
Tenho amigo na cidade
No campo e no sertão
E até no estrangeiro

Tenho alguns de estimação

Se algum dia por acaso
 Não possa eu contar vitória
 Que os inimigos me matem
 E assim cheio de glória
 Eu peço a meus amigos
 Que leia a minha história

Que é para todos saberem
 Que não morri por ser bandido
 Foi por ser um índio
 Daqueles bem decidido
 E muitas vezes matar
 Quando me via agredido.

Na condição de fugitivo, Jacques enfrentou os perigos das matas, subiu montanhas, desceu cachoeiras, passou noites de geadas, fome, dores e febres, tendo como fiéis companheiras a escuridão da noite e uma caderneta em que anotava em forma de versos suas mágoas e saudades. Nestes versos, notamos o vigor inerente ao Silvino Jacques, que tenta provar-se a si mesmo na relação com as coisas ou pessoas. Esse vigor tende-se a confundir com força, como explica Arendt (1985, p. 24), “*o vigor é algo individual e pertence ao caráter, enquanto que força, refere-se as circunstância ou a energia liberada por momentos físicos ou sociais.*”

Um homem ambíguo visto ora como justiceiro capaz de fazer o bem e ora como um assassino cruel que mata sem piedade. E contrariando as opiniões, um homem apaixonado e que nos momentos tristes e que se encontrava preso, escrevia poemas para Raída, seu grande amor. O poema abaixo foi escrito quando Silvino estava preso. Neste poema ele relata a saudade e a dor que sentia e também reflete sobre o fato de que essa não era a vida que ela merecia e sentia-se culpado pelas dores que lhe causava.

Minha querida Almerinda,
 Que triste foi o nosso amor,
 Tão longe sem ver-te, querida flor;
 No peito sinto saudades,
 No coração sinto a dor.
 Que hora infeliz que de ti me aparte,

Gozando dos teus carinhos
Ausente nunca pensei,
Eu sou um ente sem vida,
Tu és uma flor que matei.
Mas peço que te conformes
Que eu também estou sozinho,
Como um pássaro engaiolado,
Sem conforto e sem ninho;
Mas tenho grande esperança
De um dia dar-te carinho.
Sinto saudade de ti, querida,
Saudade do beijo teu,
Saudade dos teus braços,
Saudade que não morreu.

Como afirma Nolasco:(2008. p. 68): “*difícil é separar a lenda da realidade, pois ambas se confundem e se misturam: boa conversa, exímio trovador e atirador, matador e herói da revolução de 32*”. Na leitura das Décimas percebemos que foi através das palavras que o temido bandoleiro encontrou alívio para suas angústias, embora o ato da escrita passa despercebido em sua manifestação. O discurso literário olha para o tempo com olhos de um cidadão comum, enxergando suas falhas e virtudes pelo olhar da descrença, em meio ao uso desenfreado da violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo, analisar através do subgênero da Literatura denominado romance pós-moderno ou metaficção historiográfica, fatos que marcaram a região sul do Estado de Mato Grosso, as expressões de violência e a conexão desta com o seu protagonista, na obra *Silvino Jacques o último dos bandoleiros*.

Usamos para nortear esse trabalho, a questão debatida pela pensadora Arendt Hannah sobre a ação condicionadora do ambiente na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos e assim criar a condição para a história. Nesta perspectiva, inserimos o protagonista de nossa análise, Silvino Jacques, um homem condicionado pelo meio em que viveu, e por isso se tornou o temido bandido que veio a ser. De acordo com Arendt, esse condicionamento se explica pelo fato dos homens e as coisas viverem juntos e constituírem o ambiente. E a partir dessa reflexão analisamos as mais variadas formas de violência, buscando entender o comportamento dos bandidos e as reações da população.

Na concepção do historiador Valmir Batista Corrêa, a violência instaurada e até justificada daquela época, ocorreu devido às questões territoriais e ao fato dessa região ser pouco povoada, esconderijo perfeito para criminosos fugitivos de outros Estados. Diante dessa problemática, buscamos estabelecer conexões entre os bandidos e a população, através de análise de fragmentos da obra *Silvino Jacques - o último dos bandoleiros*.

E para descrever a figura mítica do temido bandoleiro, utilizamos além da leitura da obra e da História no livro *Coronéis e Bandidos no Mato Grosso* do historiador Corrêa, o outro lado da história, na visão do personagem, através da análise de seus versos, que estão reunidos no livro *Crônicas de Bonito* e que hoje compõem as *Décimas Gaúchas*.

Assim como na história, a Literatura reinscreve um tempo realmente acontecido na voz narrativa. A obra *Silvino Jacques - o último dos bandoleiros* retrata esse período com uma linguagem simples, mas com uma vivacidade que remete à época e que fazem os leitores da obra refletirem sobre o passado histórico e sangrento e as marcas deixadas desse tempo no Estado de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah: *Da violência*. Trad. De Maria Claudia Drummond Trindade, Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1985.

ARENDDT, Hannah: *A Condição Humana*, Trad. Celso Lafer. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ. 2007.

CORRÊA, Valmir Batista: *Coronéis e bandidos em Mato Grosso: (1889 – 1943)*, 2º ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.

Chauí, Marilena. *Os trabalhos da memória*, in Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade*, São Paulo, SP. Ed. USP. 1987.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós - Modernismo: história, teoria, ficção*. Trad: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, RJ: Ed . Imago, 1991.

IBANHES, Brígido. *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*. Dourados – MS. Ed. Dinâmica, 5º Ed. 2007.

IBANHES, Maria de Lourdes G. de. *Silvino Jacques: entre fronteiras reais e imaginadas*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008. (Dissertação, Mestrado em Letras.

IBANHES, Maria de Lourdes G. de, *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros, entre a história e a ficção*. (Anais do III CELMS, IV EPGL E I EPPGL – UEMS – Dourados, MS. 2007).

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul mato-grossense*. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2008